

Uma campanha civilizada

JORNAL DE BRASÍLIA
Osvaldo Peralva

16 JUL 1989

O nível da disputa para a sucessão do presidente José Sarney, que ameaçava cair bastante, tende agora a elevar-se. As agressões verbais se travavam sobretudo no ringue em que apareciam os candidatos Leonel Brizola e Fernando Collor de Mello. As explosões temperamentais do campeão nas intenções de voto prosseguem, com o recente registro pela imprensa de um palavrão ofensivo à família do presidente da República. Mas é provável que serão contidas, daqui para a frente, por força mesmo da pressão de seus assessores, cientes do resultado eleitoralmente negativo de tal comportamento.

Não se trata de que sejamos ainda um País politicamente mal-educado, sem o refinamento no trato que exibem nações mais civilizadas. Os japoneses, com toda a educação de bons modos orientais e serenidade cultivada através do zenbudismo, davam espetáculos lastimáveis de exaltação nos debates do

Parlamento (Dieta), como testemunhei nos longos anos em que habitei em Tóquio. Em linguagem clara, deputados se atracavam no plenário e eram separados pelos seguranças, como aqui entre nós.

Mas o que suscita a esperança de uma campanha em nível mais civilizado é o fato de que os candidatos começam a apresentar ao eleitorado suas plataformas de Governo, e em torno delas se farão os debates pela televisão e em praça pública. Não há como escapar a isso.

Pode-se, shakespeareanamente, dar de ombros, repetindo como Hamlet: palavras, palavras, palavras...

Não é bem assim, entretanto. Para o bem ou para o mal, foi a partir de uma interpelação do assistente de um comício de Juscelino Kubitschek em Goiás, e de sua resposta afirmativa, que surgiu o compromisso da transferência da capital do País para o Planalto

Central. E aqui está Brasília.

O fato é que o "tucano" Covas, o falso caçador de "marajás" Collor e o comunista Robreto Freire já apresentaram de público seu programa. Já assumiram um compromisso. Já prometeram o que pretendem fazer, caso cheguem ao Palácio do Planalto.

Os candidatos das duas maiores agremiações políticas, Ulysses Guimarães, do PMDB, e Aureliano Chaves, do PFL, é que permanecem indefinidos. Têm proferido apenas frases vagas: palavras, palavras, palavras. O mesmo procedimento vem adotando, até agora, Leonel Brizola, confiado somente no próprio carisma.

Claro que a Nação, aflita ante o perigo de uma hiperinflação, com as conseqüentes comoções sociais e políticas, quer algo mais. É o que Arraes exige de Ulysses, por exemplo. De todo modo, espera-se um debate de programas e não de palavras. Uma campanha civilizada.